

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



CHICÓ, Mário Tavares (Beja, 1905 – Lisboa, 1966)

Historiador da arte que se notabilizou, sobretudo, pelo estudo da arquitetura gótica portuguesa e da arquitetura do mundo ultramarino português dos séculos XVI e XVII, particularmente a da Índia. Apesar de ser descendente de pais alentejanos, a sua mãe era filha adotiva do casal Rufina da Conceição Guimarães e Manuel Rodrigues Chicó, um engenheiro agrónomo de ascendência goesa. A admiração por este avô levou-o a assumir o apelido Chicó quando atingiu a idade adulta, já que os seus pais o registaram apenas como Mário de Sousa Tavares. Estudou nos liceus de Beja, Évora e Coimbra e foi nesta cidade que se inscreveu na Escola Agrícola, antes de transitar para a Faculdade de Direito e para a Faculdade de Letras, já em Lisboa, onde se licenciou em 1935 em Ciências Históricas e Filosóficas. A intenção de seguir estudos no mundo agrícola, em boa hora frustrada, terá decorrido de alguma imposição ou orientação do pai e do avô goês, enquanto o desvio para o mundo das artes terá tido a bênção da sua mãe, aluna do curso de pintura da Escola Superior de Belas Artes, e do seu tio, José de Sousa Tavares, professor de história da arte em Beja. Frequentou o Instituto de Arte e Arqueologia da Universidade de Paris nos anos letivos de 1937-38 e 1938-39, sob a orientação dos prestigiados professores Élie Lambert e Henri Focillon, graças a uma bolsa do Instituto de Alta Cultura.

Esta estadia no estrangeiro permitiu-lhe especializar-se em arqueologia da arquitetura medieval e conhecer a fundo a arquitetura francesa, sobretudo a românica e gótica, tendo ainda viajado por outros países europeus, como a Alemanha, a Bélgica ou a Inglaterra, estudando os principais monumentos medievais aí existentes e visitando os maiores museus de arte e antiguidades desses territórios. Para a obtenção desta bolsa contribuiu o estudo que dedicou à catedral de Évora, publicado em 1935, quando tinha apenas trinta anos. Neste seu primeiro estudo nota-se já a relevância que a fotografia arquitetónica iria assumir no seu método de trabalho e na ilustração dos seus argumentos, substancialmente aprimorados durante o período que passou em França. Mário Tavares Chicó foi também um dos raros historiadores da arte que valorizou o papel autoral dos fotógrafos com quem trabalhou, destacando-os como co-autores de alguns dos seus estudos publicados.

De regresso a Portugal, realizou em Lisboa, em 1940, o estágio dos museus nacionais, que o habilitou como conservador adjunto dos museus. Entre 1940 e 1943 esteve envolvido na conceção do Museu da



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Cidade de Lisboa, na qualidade de conservador. Em 1943 ganhou o concurso para diretor do Museu Regional de Évora e em 1946 foi nomeado professor da cadeira anexa de Estética e História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo ocupado estes dois cargos até 1966, ano em que faleceu. Foi ainda vogal efetivo da Academia Nacional de Belas Artes e organizou inúmeras exposições em Portugal e no estrangeiro, especialmente no Brasil. Na universidade ensinou cadeiras dedicadas à arte da Idade Média no Ocidente, à Arte Gótica em Portugal, à Arte Portuguesa no Brasil e na Índia e ainda à Arte Hindu. Terá sido o primeiro docente de história da arte da Faculdade de Letras a recorrer à projeção de diapositivos nas atividades letivas regulares e fez parte da comissão de acompanhamento do novo edifício desta faculdade, construído na Cidade Universitária, dialogando com os arquitetos Porfírio e António Pardal Monteiro.

No âmbito da história da arte, Mário Tavares Chicó foi um dos principais promotores das novas perspetivas historiográficas que se começaram a conjugar a partir dos meados do século XX, gerando um movimento historiográfico paralelo à historiografia oficial do Estado Novo e frequentemente em contradição com os seus ideais. Mário Chicó tinha compreendido as limitações epistémicas da historiografia realizada em Portugal, cuja evolução tinha chegado a um ponto de estagnação. Necessitando de um salto metodológico e qualitativo, a sua investigação antecipou um novo rumo historiográfico, apoiando-se na diversificação de fontes e em contribuições multidisciplinares (sociologia, antropologia, economia, etnografia, filosofia, etc.). De um ponto de vista teórico, as suas principais influências encontram-se nos estudos dos dois mestres franceses já referidos, a par de Heinrich Wölfflin, Alois Riegl e Wilhelm Worringer, enquanto parte da sua metodologia deriva das obras de investigadores nacionais, nomeadamente Joaquim de Vasconcelos, Vergílio Correia, Manuel Monteiro, Reinaldo dos Santos e Aguiar Barreiros. No decurso da sua carreira académica foi docente nas universidades de Poitiers, La Laguna (Tenerife), Milão, Baía, Rio de Janeiro e Recife, onde recebeu o doutoramento *Honoris Causa*, tendo sido agraciado no Brasil com a Ordem do Cruzeiro do Sul.

Mário Chicó foi também pioneiro no estudo da arquitetura de influência portuguesa construída fora da Europa. Os estudos sobre “arte colonial” – termo simplista, mas ajustável neste caso – tinham começado poucas décadas antes, com incidência no mundo latino-americano, onde se incluía o Brasil. Estes estudos foram desenvolvidos por investigadores originários do Novo Mundo com o intuito de estudar a sua própria história artística, mas também participaram neste movimento vários estudiosos europeus. Com efeito, o interesse dos investigadores por produções artísticas europeias em espaços geográficos asiáticos e africanos só começou a surgir nos meados do século XX. Não é por isso de estranhar a proposta feita por Mário Chicó ao director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, no início de 1951, para a concretização de uma brigada de estudo dos monumentos do Estado da Índia – terra do seu avô adoptivo –, momento importante na mudança dos seus interesses académicos, deixando um pouco para trás o gótico português para aprofundar o estudo da arquitetura colonial do renascimento, maneirismo e barroco.

Com Mário Tavares Chicó iniciava-se assim a ampliação do âmbito geográfico da investigação historiográfica portuguesa para as produções artísticas resultantes da expansão ultramarina, especialmente



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

nos territórios que haviam estado sob domínio luso. A missão de estudo seria apoiada pela Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, a que se associaram o Governo-Geral do Estado da Índia e o Instituto para a Alta Cultura. A Mário Chicó juntaram-se o também historiador da arte Carlos de Azevedo, o arquiteto Martinho Humberto dos Reis (técnico do Serviço de Monumentos da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais) e o fotógrafo José Carvalho Henriques. Estava assim composta a Missão de Estudo aos Monumentos de Goa, Damão e Diu, que durante dois meses fez o levantamento e estudo dos principais monumentos históricos edificados na Índia portuguesa.

A viagem teve início a 3 de Abril de 1951, e o regresso deu-se a 3 de Junho, precisamente dois meses depois. Durante a estadia na Índia, a missão deteve-se inicialmente por quase um mês em Goa, entre 11 de Abril e 6 de Maio, período em que o grupo esteve em trabalho de campo por Pangim, Velha Goa, Margão, Pondá, Rachol, Bandorá, Queulá, Verná, Sanquelim e Reis Magos, entre outros locais; algumas vezes foram acompanhados pelo arquiteto Baltazar Castro, antigo responsável da DGEMN que se encontrava em Goa numa comissão de serviço para coordenar os restauros dos monumentos de Velha Goa. A missão prosseguiu depois em Damão (de 14 a 17 de Maio) e em Diu (de 22 a 25 de Maio), tendo ainda dado tempo para visitar Ahmedabad, Bombaim, Baçaim e Aurangabad (onde se situam as grutas de Ajanta e Ellora).

A brigada de estudo liderada por Mário Chicó logrou realizar um notável trabalho, elaborando uma extensa documentação fotográfica de edifícios (arquitetura religiosa, militar e civil de influência portuguesa, mas também de culturas locais aí existentes) e de obras de interesse artístico (retabulística, pintura e escultura), a par do levantamento rigoroso dos monumentos edificados e da análise de alguma documentação existente em arquivos do Estado da Índia. Tudo isto, conjuntamente com o estudo pormenorizado das obras artísticas, permitiu trazer à luz do dia um formidável conjunto artístico que até então jazia quase incógnito. Os resultados dessa missão foram amplamente divulgados em Portugal e no estrangeiro, através de exposições fotográficas realizadas em Lisboa, Évora e Londres, mas também através de artigos publicados em revistas científicas como *The connoisseur*, *Marg – a magazine of the arts*, *Garcia de Orta*, *Belas Artes*, *Boletim Geral do Ultramar* ou *Colóquio*.

Bibliografia activa

“A catedral de Évora: plano de documentação fotográfica para o seu estudo à distância”. *Medicina. Revista de Ciências Médicas e Humanismo*, Lisboa, 1935; *História da Arte em Portugal*, vol. 2, Porto, Portucalense, 1948; “Aspectos da Arte Religiosa da Índia Portuguesa - A arquitectura e a talha dourada”, *Boletim Geral do Ultramar*, nº 318, 1951, pp. 119-132; *A Arquitectura Gótica em Portugal* (com o fotógrafo Mário Novais), Lisboa, Editorial Sul, 1954; “A igreja do priorado do Rosário de Velha Goa, a arte manuelina e a arte do guzarate”, *Belas Artes*, nº 7, 1954, pp. 17-22; “Gilt carved-work retables of the churches of Portuguese India”, *The Connoisseur*, nº 551, 1956, pp. 35-39; “«A cidade ideal» do Renascimento e as cidades portuguesas da Índia”. *Garcia de Orta*, nº especial, 1956, pp. 319-328; *Dicionário da pintura universal* (editado com Artur Nobre

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de Gusmão e José Augusto França), 3 vols., Lisboa, Estúdios Côr, 1962-1973; “A arquitetura indo-portuguesa”. *Colóquio*, nº 17, 1962, pp. 11-15; *A arquitectura religiosa do Alto Alentejo na segunda metade do século XVI e nos séculos XVII e XVIII* (com Humberto Reis e o fotógrafo Mário Novais), Lisboa, INCM, 1982.

Bibliografia passiva

FRANÇA, José-Augusto, “Lembrança de Mário Chicó”. *Diário de Lisboa*, 10/08/1967; GUSMÃO, Artur Nobre de, “Mário Tavares Chicó”. *Belas Artes*, s. 2, nº 23, 1967, pp. 49-58; *MÁRIO Tavares Chicó, 1905-1966*. Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1969; CALADO, Margarida, “Historiografia da arte portuguesa no século XX”. *Arte Teoria*, nº 2, 2001, pp. 184-194; SERRÃO, Vítor, “Mário Tavares Chicó e as novas metodologias da História da Arte portuguesa”. *Monumentos*, nº 23, 2005, pp. 70-71; MARIZ, Vera, “A JMGIC e a investigação do património arquitectónico português ultramarino - O caso da viagem de Mário Chicó à Índia Portuguesa”. *Ciência nos Trópicos: Olhares sobre o passado, perspectivas de futuro*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 2012 (no prelo); MATOS, Sérgio Campos; Ó, Jorge Ramos do, *A Universidade de Lisboa. Séculos XIX-XX*, 2 vols., Lisboa, Tinta da China; REIS, Mónica Esteves, “A historiografia da arte Indo-Portuguesa e a missão científica de Mário Tavares Chicó em Goa”. Ferreira, António Manuel; Morais, Carlos; Brasete, Maria Fernanda; Coimbra, Rosá Lúcia (ed.). *Pelos mares da língua portuguesa 3*, Aveiro: UA Editora, 2017, pp. 815-848; PINTO, Carla Alferes. “A arte ao serviço do império e das colónias: O contributo de alguns programas expositivos e museológicos para o discurso da legitimação territorial”. *Midas - Museus e estudos interdisciplinares*, [Em linha], nº 6, 2016. [Consult. 10 de Setembro de 2018]. Disponível em < URL: <https://journals.openedition.org/midas/957> >

Luís U. Afonso e Joaquim Rodrigues dos Santos